BARATA CASCUDA



Caroline Borges Pavanelli

Como renascer sendo algo que sempre quis? Sendo algo que não quero
O que me vale mais? Seu amor ou minha humanidade?

Sou eu, a barata.

O som ao redor do trânsito me dispara aos montes, não sinto a clareza nem nada, não sei como era quando não sentia, mas gostaria de não sentir outra vez, pensava com sangue fervendo, não tirei o uniforme aquela noite, fui direto ao bar, engolia a pinga como água, e me descia rasgando como fogo, quando batia no estômago minha mente doía mais, ou menos, de vez em quando rezava para o santo guardado nos fundos da loja, quando o trabalho me deu certo, foi aí que senti algo mais ardente do que aquela pinga do bar, foi quando senti a dor, pela primeira vez era alguém ao invés da existência de nada, um nada funcional que pensava acalorado, agora pensava frio. Era ninguém, tinha desamores mas o amor sempre sucumbiu-me as necessidades, botava o homem acima, o amei por anos, era a amante, fui a amante, mas quando já não era que me perdi realmente, depois da ida de Clotilde já não era mais ninguém, ela, a barata, ela, a mulher, eu, a amante, eu, a barata, agora era quem? Já não vinha mais de mim ter uma persona física. Quando percebi que dali em diante seria a mim, senti inveja de ser amante, sentia saudades dela, queria viver aquela juventude de novo, quando fui ao casório tudo se deu fim.
Entrei-me de peito aberto pela porta aquela noite, e sai por ela com os braços ensanguentados, meu sangue fervente e meus olhos cegos, vi-o com uma datada, uma moleca, ouvi os gemidos e percebi que o prazer não era ter a mim, mas sim, ter a amante, fazer-me a barata, pedi desculpas a Deus por um tempo, chorei de me debruçar, quando sai pelas ruas em busca daquela cura que teria me enforcava com as pérolas no pescoço, arranhava meus braços com minhas unhas vermelhas, descabelava-me por inteira, perdi meu par de saltos, meu par de cílios e brincos pelas ruas, cheguei no bar e uma senhora me atendeu, uma que nunca tinha visto, me disse que era assim, que homem queria a insatisfação, que logo iria me perder o desejo, que nosso comportamento precisa ter hora, por isso me indicou vingança, volta ou algum bom trabalho pelo bairro, eu discordei, chorei de novo, ouvia o rádio do bar tocando. Nunca fui de fumar, mas naquele instante tirei um isqueiro da bolsa, arremessei tudo que pude em minha frente no balcão, coloquei a fora um livro, clássico, mas não conseguia ler, tudo era um borrão, minha mente uma turbulência, me deitei no chão, via um relógio batendo as 4:00.
Me aparece em frente passarinho, velho do bar, abre o portão encaracolado acima, e eu me perguntava onde estava a mulher, era minha mãe, me debruçava ainda mais naquele chão gelado, manchava meu uniforme com cerveja, e pelos cantos vi-me passar alto, pequeno, meio estreito e observava bem.
Era ela, Clotilde, ou era eu? Joguei o livro ao balcão no reflexo que via, quando tirei, ali embaixo a vi, pequena, estremecida, de vez em quando se contorcia, agonizava antes de ir, eu a olhava, pensava como era ter se tornado assim, como existia de tão antes, pensava se seria bom poder ser assim, e aquilo ficava em minha mente, me golpeava mais do que o sentimento anterior, a angústia que senti, o peso, o desespero já eram pequenos, pequenos próximos a consciência que tomava meu corpo só de a ver, só de ter tido esse desprazer de conviver, de esmagar aquela coisa como se fosse algo simples de poder matar, como se matasse a mim mesma, senti a morte, a vi com meus próprios olhos, estava diante de mim tudo o que viveria dali em diante. Então escolhi o que deveria negar, escolhi o repúdio, mas não podia perdê-lo, não queria que sua paixão sumisse de mim por meio de todo aquele ódio, queria ele, era insaciável, sentir sua presença já não me era mais o suficiente, e parece que amá-lo me fazia menor para ele mesmo, queria ser tudo, queria poder ser aquela que ele nunca recusou uma ligação, queria poder ser aquela com quem ele procriou, diferente de mim, diferente da outra, queria ser alguém. E me parece que dali, todo o sentimento se tornou algo que não podia mais ser controlado, minha sede não se estabilizava, e nunca se estabilizaria agora que soube sentir, agora que sabia o que era ser.

Toquei no seu muco branco espalhado pelo chão, sentia sua consistência, e no ato do desespero, no ato insalubre daquela pequena lucidez que tive por segundos, daquele primeiro pensamento que podia ter, como se tivesse renascido, como se saísse do ventre da mãe terra, peguei as pernas daquele inseto monstruoso, o posicionei e mascava como uma tâmara, sentia seu corpo se despedaçar em minha garganta, mascava mais e mais, quando me levantei, joguei as notas sobre o balcão, deixei minha bolsa no banco, caminhei pelas ruas escuras, as ruas de Copacabana que me pareciam mais como o subúrbio, andei até não poder mais, quando cheguei no prédio me despi, ali mesmo, na portaria, minha saia caía no chão na leveza de uma pena, já não era mais nada, quando tirei minhas joias sentia meu corpo tremer, foi quando me deitei, e ali me vi de cima, eu era a barata, já não era Clotilde.